

**XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB****ISSN 2177-3688****GT-12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades****REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NAS XILOGRAVURAS: SUJEITAS OU OBJETOS?*****REPRESENTATIONS OF WOMEN IN WOODEN PICTURES: SUBJECTS OR OBJECTS?*****Vitória Gomes Almeida. UFCA.****Ariluci Goes Elliott. UFCA.****Elieny do Nascimento Silva. UFCA.****Modalidade: Trabalho Completo**

Resumo: Analisa três conjuntos de xilogravuras que representam mulheres que foram significativas para a história e cultura da cidade de Juazeiro do Norte (CE), a saber: Amália Xavier de Oliveira, Joana Tertuliana de Jesus - Beata Mocinha, e Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, produzidas por homens que as retratam em diferentes momentos das suas vidas. A motivação para esta pesquisa, advém da identificação no acervo do Laboratório de Ciência da Informação e Memória da Universidade Federal do Cariri. Nos questionamos sobre a representação das mulheres a partir do olhar masculino, por terem grandes contribuições para a história e memória local. Delimitamos como objetivo analisar a partir do referencial crítico dos estudos de gênero e memória as xilogravuras produzidas por Renato Casimiro e João Pedro sobre as mulheres citadas, buscando identificar se nessas representações elas aparecem como sujeitas ou objetos, a partir da metodologia de análise documental baseada nos critérios de Smit (1997). Como considerações finais, o que se observou foi que a xilogravura enquanto uma expressão da cultura, possui tradição androcêntrica a partir de uma dupla característica: a identificação de poucas xilogravuras produzida por mulheres e ínfima produção científica correlacionando o binômio mulheres e xilogravura. As xilogravuras analisadas, representam a visão masculina sobre a história de vida dessas mulheres e apontam para a necessidade do fomento de pesquisas sobre o tema, visando aprofundar as questões de gênero e iniquidades nesse âmbito.

Palavras-Chave: Xilogravuras. Mulheres. Androcentrismo. Representação Feminina.

Abstract: It analyzes three sets of woodcuts that represent women who were significant for the history and culture of the city of Juazeiro do Norte (CE), namely: Amália Xavier de Oliveira, Joana Tertuliana de Jesus - Beata Mocinha, and Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, produced by men who portray them at different times in their lives. The motivation for this research comes from the identification in the collection of the Laboratory of Information Science and Memory of the Federal University of Cariri. We wonder about the representation of women from the male point of view, as they have great contributions to local history and memory. We delimited as objective to analyze from the critical reference of gender and memory studies the woodcuts produced by Renato Casimiro and João Pedro about the women mentioned, seeking to identify whether in these representations they appear as subjects or objects, from the methodology of document analysis based on the Smit's criteria (1997). As final considerations, what was observed was that the woodcut, as an expression of culture,



has an androcentric tradition based on a double characteristic: the identification of few woodcuts produced by women and a small scientific production correlating the binomial women and woodcut. The woodcuts analyzed represent the male view of the life history of these women and point to the need to encourage research on the subject, aiming to deepen gender issues and inequities in this area.

Keywords: Woodcuts and Women. Androcentrism. Female Representation.

1 INTRODUÇÃO

A xilogravura é uma prática-técnica milenar caracterizada segundo Carvalho (1995) por fazer da madeira o suporte para talhes e escavações, visando transformá-la em uma matriz que receberá tinta e após pressionada no papel gravará imagens ou textos.

Suas origens no contexto brasileiro de acordo com o mesmo autor, advém da vinda da família real ao Brasil que trouxe a maquinaria para a Impressão Régia, tecnologia que logo se interiorizou, chegando ao nordeste brasileiro e se ligando diretamente com o surgimento do folheto de cordel impresso (até então oral), hoje reconhecido como patrimônio cultural e sem o qual não se pode pensar a cultura nordestina sem mencioná-lo.

Nesse sentido, a xilogravura deve ser percebida para além de um recurso tipográfico, mas compreendida em torno de sua complexidade que abarca os atributos de ser uma expressão artística e identitária, uma fonte de informação sobre a cultura, um documento de registro da memória e um patrimônio cultural brasileiro.

No contexto da qual as autoras falam e pesquisam, Juazeiro do Norte, se sobrepõe o fato da cidade ter sido durante muitas décadas do século XX, sede da maior editora de produção de cordel e xilogravura do Brasil – a Lira Nordestina (MELO, 2010). A partir de uma realidade local marcada por uma forte presença dessa expressão da cultura, que nos debruçamos para investigar a representação das mulheres nas xilogravuras, a partir do acervo de xilogravuras do Laboratório de Ciência da Informação e Memória (LACIM) da Universidade Federal do Cariri.

O interesse pelo tema advém do já mencionado reconhecimento do local da cultura, nitidamente rico no que tange a presença da xilogravura, bem como, pela identificação no acervo do LACIM da existência de inúmeras representações de mulheres nas xilogravuras produzidas por homens, em detrimento de pouquíssimas xilogravuras esculpidas por mulheres.

A justificativa do tema, no que se refere às relações entre Ciência da Informação, memória e gênero elucidamos a partir de (ALMEIDA, 2018; 2022) como a informação se



vincula duplamente à cultura e a memória: por ser resultado da produção humana, pode ser produzida, transmitida e consumida por ser dotada de sentido (o que acontece por meio da cultura). Com relação à memória, o próprio ciclo da informação (produção, circulação, consumo, registro) só se torna possível através desta. Em interlocução com o gênero, aqui neste trabalho enfatizamos as mulheres como produtoras de culturas e memórias, que não somente são detentoras de tradições e saberes, como também, produtoras da renovação das culturas e identidades.

Diante dessa constatação, nos questionamos sobre a representação das mulheres a partir do olhar masculino e diante do grande corpus de xilogravuras no acervo, delimitamos como objetivo analisar a partir do referencial crítico dos estudos de gênero e memória, as xilogravuras produzidas por Renato Casimiro e João Pedro selecionando três produções: 1. Amália Xavier de Oliveira, 2. Joana Tertuliana de Jesus - Beata Mocinha, e 3. Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo - Beata Maria de Araújo.

A escolha das xilogravuras que representam essas mulheres, se deu pelo fato de todas elas serem figuras relevantes para a história da cidade de Juazeiro do Norte (localizada ao sul do Estado do Ceará), no que se refere a aspectos sociais, religiosos, culturais e políticos, conforme detalharemos nas seções posteriores.

Para tanto, utilizamos como metodologia a análise documental baseada nos critérios de Smit (1997 p. 3) considerando os elementos que reúne as categorias informacionais “QUEM, ONDE, QUANDO, COMO e O QUE”. Continuando com Serres (s/d) a ação de representar o conteúdo intelectual de um documento trata-se de uma operação intelectual que liga-se a duas atividades: o resumo do documento e a indexação, visando expressar seus conceitos-chave contidos.

2 QUAL O LUGAR DAS MULHERES NAS EXPRESSÕES DA CULTURA?

Historicamente silenciadas, invisibilizadas e descredibilizadas de suas atuações para a inovação, promoção e proteção das culturas e memórias, as mulheres têm sido protagonistas no âmbito dos patrimônios culturais ao serem guardiãs de memórias, saberes e tradições; ao liderarem processos de criação e manutenção das manifestações culturais; e ao se configurarem como agentes ativas de resistências e preservação das culturas:



Em muitas partes do mundo, as mulheres têm sido vistas historicamente como tecelãs da memória – aquelas que mantêm vivas as vozes do passado e as histórias das comunidades, que as transmitem às futuras gerações e que, ao fazer isso, criam uma identidade coletiva e um profundo senso de coesão. Elas também são aquelas que passam adiante os conhecimentos adquiridos e os saberes – relativos às curas medicinais, aos problemas amorosos e à compreensão do comportamento humano, a começar pelo comportamento dos homens (FREDERICI, 2019, p. 84).

Entretanto, como já foi largamente apontado por diversas pesquisas sobre o tema de mulheres e culturas, os memoricídios enquanto ações intencionais e sistemáticas de obliteração das culturas, identidades e formas de organização social de determinados grupos/povos, tem sido utilizada como ferramenta de apagamento da contribuição sócio-científica-cultural das mulheres (ALMEIDA, 2021).

Recorrendo a uma breve revisão do tema, trazemos Aleida Assmann (2011, p.165) que ao refletir sobre a memória cultural e os aspectos de gênero, chama a atenção para conotações sexuais e sexistas no campo da memória. Citando o hebraico, através de um estudo de Jacob Taubes, ela ressalta que nesse idioma o sentido da ideia de memória é construído a partir de um princípio positivo e o esquecimento por meio de um princípio negativo: “sikaron” “memória” é relacionado a “sakar” “masculino” enquanto “nakab” que significa “perfurar” ou “peneirar” é ligado a “nkeba” “feminino”.

Das reflexões de Aleida Assmann (2011) desponta-se duas observações a serem feitas: uma relativa ao apagamento das mulheres já nas palavras que nomeiam/referem-se a memória na qual há idiomas em que o esquecimento entendido como algo negativo é ligado ao feminino; e a segunda referente às formas de registro da memória, como um espaço de investigação para as tentativas de silenciamento e ações de subversão das mulheres.

No caso da escrita, descrito pela autora como meio de eternização e suporte da memória, há muitas reflexões sobre a profunda e histórica misoginia no campo. Constância Lima Duarte (2018) fala como em séculos mais recentes como XIX e XX a ideia de uma mulher querendo fazer um curso superior causava comoção, e a publicação de uma obra costumava ser recebida com desconfiança, descaso ou, na melhor das hipóteses, com condescendência.

Se hoje há um número crescente de mulheres autoras, em um passado recente, para realizar o desejo de publicar muitas recorreram a pseudônimos, ao anonimato, ou juntaram-se para criar jornais/revistas que se converteram em verdadeiras redes intercambiantes de



informações e cultura. Outras, apesar de tudo e todos, ousaram escrever e publicaram seus livros, que com o tempo se perdiam nas primeiras edições e na poeira dos arquivos (DUARTE, 2018):

para cada escritora encontrada, outras, muitas outras sucumbiam no silêncio. A censura e a repressão trabalham juntas para destruir o arquivo, antes mesmo de tê-lo produzido, já havia dito Derrida. Pulsões de morte jogam o arquivo na amnésia, na aniquilação da memória, na erradicação da verdade. Não foram poucos os poemas de Auta de Souza que seus irmãos alteraram, antes de enviá-los para a publicação. Também não foram poucas as obras de escritoras queimadas e destruídas por filhos e maridos ciumentos de seus talentos (DUARTE, 2018, p. 7, grifo nosso).

Para além da subversão das mulheres no próprio campo da escrita, muitas pela falta de oportunidade, seja de educação, seja de publicação, usaram o campo da voz como instrumento e suporte de transmissão e preservação da memória de seus saberes, práticas, fazeres e tradições. No entanto, assim como nos outros campos também tiveram de enfrentar tentativas de memoricídio e silenciamento.

Glória Anzaldúa (2009, p. 306, *grifos da autora*) ao falar sobre a quebra da tradição do silêncio, reflete sobre o ditado “*Em boca cerrada no entran moscas*” (Em boca fechada não entra moscas) também comum aqui no Brasil e que muito diz sobre o esforço de silenciar/descredibilizar mulheres e o que elas têm a dizer.

O que esses exemplos trazem para reflexão é o fato de terem (e ainda estarem, apesar das resistências) existido uma série de estratégias visando o apagamento da memória das mulheres, que Aleida Assmann (2011, p. 67) vai chamar de caso clássico de amnésia estrutural: “nos anais da história a fama nunca rima com mulher [...]. Enquanto as condições para a inclusão na memória cultural forem a grandeza heróica e a canonização clássica, as mulheres serão sistematicamente vítimas do esquecimento cultural”.

Essa reflexão é importante, porque na medida em que nós mulheres enfrentamos historicamente inúmeras ações de silenciamento e apagamento, nossas representações por outro lado seguiram sendo produzidas, sobretudo pelo olhar masculino.

Nas próximas seções, nos debruçaremos então para identificar como essa representação se deu em um contexto particular: o campo da cultura popular, especificamente, no âmbito das xilogravuras, acerca de mulheres relevantes para a história de Juazeiro do Norte (CE). Se o memoricídio e o apagamento patriarcal cala nossa voz e



oblitera os registros do que produzimos, o que nos conta as representações das mulheres, feita por homens?

3 LACIM ENQUANTO UM LUGAR DE MEMÓRIA: EXPERIÊNCIA DE PRESERVAÇÃO E SALVAGUARDA NA UFCA

A criação do Laboratório de Ciência da Informação e Memória (LACIM) está inserido no Projeto Político Pedagógico do Curso de Biblioteconomia, buscando ampliar os níveis de consciência histórica, política, cultural e social, melhorando o nível de conhecimento adquirido através da aprendizagem teórica e prática. Laboratório de ambiente de reflexão e produção de estudos interdisciplinares e apoio informativo na produção intelectual.

O LACIM reúne documentos para desenvolver estudos históricos sobre a região do Cariri. Acompanhando a interface necessária à organização do conhecimento naquilo que perfaz a gestão, recuperação, disseminação e tecnologia da informação de forma pontual e precisa. Através do LACIM, o Curso de Biblioteconomia vem traduzir de maneira direta os aspectos socioculturais circundados a região, possibilitando a materialização do suporte, bem como o acesso às múltiplas formas de expressar dados e seus interlocutores (Elliott, 2014).

O LACIM tem como missão prover ambiente para atividades de Ensino, Extensão, Pesquisa e Cultura, organizando, preservando e disseminando informações para a produção do conhecimento de docentes, discentes e pesquisadores que a utilizam. Segundo Elliott (2014, p.65), os impactos do LACIM podem ser vistos a partir da:

1. Mudança gradual do perfil dos discentes e docentes do Curso de Biblioteconomia da UFCA, no que concerne ao gerenciamento da informação como um todo;
2. Elevação da produção científica gerada pelo Curso, em pesquisas direcionadas a política de organização, tratamento e disseminação da informação;
3. Possibilidades de acordo de cooperação com outras Instituições de Ensino Superior (IES), pesquisadores, escritores e historiadores da Região do Cariri, para uma flexibilização interdisciplinar, tendo os discentes e docentes um *lócus* de operacionalidade técnica a disciplinas através do LACIM para aulas práticas;
4. Atividades de extensão, envolvendo leitura e contação de histórias, onde a participação cultural interaja com o social;



-
5. Oportunidade da Biblioteca da UFCA beneficiar-se com o LACIM na articulação entre gestão, recuperação e disseminação.

No ano de 2011, o LACIM recebeu as doações dos pesquisadores Renato Casimiro e Daniel Walker, professores e historiadores que se dedicaram a pesquisar e transmitir a história do Padre Cícero, de Juazeiro do Norte e de seus personagens. O material inclui desde bibliografias, fotografias, jornais, xilogravuras, cordéis e esculturas de artistas da região. O LACIM, como guardião da memória, serve como espaço de disseminação da cultura, memória e história da Região do Cariri Cearense. As xilogravuras serão enfocadas neste artigo enquanto meio onde a sociedade se projeta, apresentando contextos e conteúdos simbólicos de uma região, abordando o enquadre social enfatizada pela interativa dos álbuns apresentados.

3.1 Representações femininas na xilogravura: mulheres juazeirenses e o protagonismo invisibilizado

Refletir sobre a representatividade feminina em uma sociedade patriarcal, com ênfase na região do nordeste do Brasil, constitui-se desafio. Desvelar os “porquês” das vozes femininas serem silenciadas no decorrer da história, com ênfase para a região do cariri cearense, permite elencar elementos que mostra um cenário no qual o gênero masculino exerce predomínio relegando as vozes feminina as chamadas “memória subterrânea”¹.

O silenciamento permite discutir fatos em todos os setores sociais, descortinando assim um processo discriminatório, preconceituoso, seja de gênero, classe social, etnia etc. No âmbito religioso não é diferente. Nesse direcionamento, busca-se apontar mulheres que cooperaram com a região do cariri cearense, mas que seus nomes foram invisibilizados da história oficial do município de Juazeiro do Norte.

Trazer à memória a história dessas mulheres que cooperaram para o fortalecimento da cultura religiosa na região é necessário para demonstrar a atuação feminina, mesmo em um espaço predominantemente masculino. É essencial apresentar essas “vozes esquecidas”, ou, parafraseando Rabelais (1552)²: “descongelar as palavras esquecidas, que ficaram enterradas

1 As memórias subterrâneas são as memórias marginalizadas, esquecidas, silenciadas, que lutam pela afirmação, sobretudo, de uma identidade que, por pertencer a uma minoria, encontra-se marginalizada (POLLAK, apud VIDAL, 2007).

2 s François Rabelais (1552) -Quarto Livro, nos capítulos LV e LVI - história das «palavras degeladas». Tradução por Antônio Lázaro de A. P.. <http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=1473>



na memória” para instigar estudos e discussões acerca do apagamento da história de muitas vozes pela história oficial (VIDAL, 2007).

Destarte, tratar a importância da figura feminina para o cariri cearense é essencial para visibilizar/reconstruir a memória e a participação das mulheres no âmbito social, político, religioso da região. Desta forma, inicia-se um breve percurso sobre a vida de mulheres que contribuíram para a ascensão do cariri cearense à “capital do turismo religioso” no Estado do Ceará: “Beata Maria de Araújo”, “Beata Mocinha” e Amália Xavier. A escolha por esses nomes deu-se por aquelas acompanharem Padre Cícero Romão Batista, conhecido como Padre Cícero ou “Padim Ciço”, grande líder do catolicismo popular da região do Cariri cearense e a última por ser uma das precursoras na educação rural do município.

Nosso percurso iniciamos falando da Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, ou, como é conhecida “Beata Maria de Araújo”. Filha de Antônio da Silva Araújo e Ana Josefa do Sacramento, nasceu no povoado de Tabuleiro Grande, pertencente ao município do Crato, hoje emancipado tornando-se a cidade de Juazeiro do Norte/Ce. Nasceu em 23 de maio de 1862 e faleceu em 17 janeiro de 1914. Seu ofício foi o artesanato, que aprendeu desde criança, e que se tornou sua fonte de renda.

Órfã desde criança, passou a residir na casa de Padre Cícero, onde ensinava artesanato para as crianças. Aos 22 anos decidiu ser freira. As mulheres que optaram pela vida religiosa eram conhecidas como “Beatas”, denominação que foi utilizada por anos para designar as mulheres que serviam a Igreja, mesmo sem vínculo oficial (PINTO JÚNIOR, 2002), em virtude disso tornou-se conhecida como “Beata Maria”.

Maria de Araújo, mulher, preta, pobre, artesã, analfabeta, foi a protagonista do primeiro milagre registrado em Juazeiro do Norte: durante uma comunhão, recebeu do Padre Cícero uma hóstia que se transformou em sangue, protagonizando assim o primeiro milagre do município de Juazeiro do Norte-Ce, fazendo da cidade o maior centro de romeiros do Estado. Foi responsável pela santificação de Padre Cícero, entretanto, foi perseguida e castigada pela Igreja Católica e seu nome ofuscado da história, sem menções, nem honrarias” (TEIXEIRA, 2015, p.11).

Retornando a história, destaca-se que o fato mais relevante da vida de Beata Maria - a transformação da hóstia em sangue, em sua boca, na Capela Nossa Senhora das Dores - fato esse repetido por mais de uma vez e, impactando o turismo religioso da cidade, pois muitos



católicos, de diferentes lugares, vinham a Juazeiro para presenciar o “sangue de Cristo na boca da Beata Maria”, proporcionando o reconhecimento do município no contexto religioso, tornou-se seu martírio. A cultura machista, patriarcal, preconceituosa e social não permitiu que o reconhecimento do milagre fosse da Beata Maria. (TEIXEIRA, 2015).

Ademais, o fato chamou atenção das autoridades religiosas e a perseguição passou a fazer parte de sua trajetória de vida. O Bispo da cidade de Fortaleza (capital do Ceará) ordenou o afastamento da Beata das atividades religiosas (ela ensinava artesanato para as crianças e ajudava o padre Cícero na casa paroquial) e da vila em que morava. Foi aberto um inquérito para averiguar os fatos, e foi considerado um sacrilégio, a Beata mentirosa e Padre Cícero afastado de suas atividades sacerdotais.

Em abril de 1894, a Igreja envia de Roma um decreto ao Bispo de Fortaleza onde se lia: Que os pretensos milagres e quejandas coisas sobrenaturais que se divulgam de Maria de Araújo são prodígios vãos e supersticiosos, e implicam gravíssima e detestável irreverência e ímpio abuso à Santíssima Eucaristia; por isso o juízo apostólico os reprova e todos devem reprová-los, como reprovados e condenados cumpre serem havidos. E ordenava ainda que: Maria de Araújo, depois de imposta uma grave penitência, fosse recolhida a uma casa religiosa dirigida por um Ordinário informado de seus antecedentes; proibiu a visita de peregrinos e curiosos à Beata; ordenou que todos os escritos sobre o fato fossem recolhidos e queimados e que todas as pessoas, sacerdotes e leigos fossem proibidos de falar ou escrever sobre o acontecimento. Todos os sacerdotes que acreditavam no milagre foram proibidos de manter qualquer contato com a Beata, inclusive proibidos de orientar-lhe espiritualmente. Os panos manchados de sangue que foram usados durante a comunhão da Beata foram queimados pela Igreja. Beata Maria foi recolhida a uma casa religiosa, onde ficou até sua morte. (FORTI, 2009, p. 52).

A perseguição à Beata e aos que acreditavam no milagre foi severa. Recolhida em uma residência da Diocese, Maria que supostamente sofria de enfermidades no estômago e pulmão, foi vítima de vários castigos físicos e psicológicos e morreu em 1914 (TEIXEIRA, 2015). Após a sua morte, seu túmulo foi violado e seus restos mortais foram saqueados.

Esse cenário desvela uma sociedade machista, preconceituosa, que não “reconhece” o protagonismo feminino em suas diversas esferas, principalmente no âmbito religioso, visto que a hóstia foi dada por Padre Cícero e, o povo, afeiçoado por Padre Cícero, atribui-lhe o milagre, que ficou conhecido como o “Milagre de Joazeiro”, passando a venerá-lo como santo (TEIXEIRA, 2015).



Atualmente, o município de Juazeiro do Norte evoluiu, o Produto interno bruto (PIB) é um dos maiores do Estado do Ceará. A cidade foi povoada por universidades (estaduais, regionais, federais) e particulares. Apesar do crescimento financeiro, a indiferença e os estigmas com as “culturas subterrâneas” continuam vigentes. O reconhecimento do milagre da hóstia por Beata Maria de Araújo nunca foi reconhecido pela história oficial da Igreja Católica e pelo Município. Há poucos monumentos ou espaços na cidade que guardam sua lembrança em contraponto a Padre Cícero, com inúmeros espaços que retratam sua memória.

Nossa segunda figura histórica denomina-se Joana Tertulina de Jesus ou “Beata Mocinha” – nascida em 27 de janeiro de 1864. Filha da primeira professora da cidade, logo, foi alfabetizada na infância. Na adolescência passou a viver com Padre Cícero, por conta do trabalho dos pais, que foram transferidos para outra cidade. Assim como Maria de Araújo, Mocinha não era oficialmente consagrada pela Igreja Católica, era denominada Beata por se dedicar à uma vida de castidade e oração. Beata Mocinha, teve “boa educação”, e tornou-se assistente pessoal do Padre, cuidava da casa, da capela e de sua agenda. Letrada, participava, como secretária de Cícero, de quase todas as reuniões políticas da cidade (TEIXEIRA, 2015).

Conhecida por seu zelo e dedicação aos sérvios da casa paroquial, foi uma mulher de personalidade forte e saúde frágil, colaborou nos serviços paroquiais, morreu sem deixar herdeiros e sem ter o reconhecimento da Igreja pelos serviços prestados a ela e ao Padre Cícero.

Nossa terceira personagem deste enredo chama-se Amália Xavier de Oliveira. Conforme Oliveira (1984), a cidade em plena expansão precisava criar as condições necessárias para o desenvolvimento educacional e, assim, beneficiar a população através do acesso à educação. Desse modo, a sociedade local se mobilizou para instalar a primeira Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte (ENRJN). Acreditava-se na possibilidade de um futuro promissor e via-se na educação o elemento indispensável para alcançar esse progresso.

Amália Xavier de Oliveira foi uma das sócias fundadoras responsáveis pela instalação e manutenção da instituição; concluiu o Curso Normal em Fortaleza-CE e de volta à cidade empenhou-se pela causa educacional juazeirense, unindo-se aos ideais do professor Joaquim Moreira de Sousa e Plácido Aderaldo Castelo (fundadores da Escola), e com recursos da própria comunidade fizeram funcionar a primeira ENRJN do Brasil (NOBRE, 2014, p.65).



A Escola beneficiou diversas localidades do vale caririense, com as atividades culturais desenvolvidas que possibilitavam um intercâmbio cultural importante na região. O seu objetivo consistia em formar professores para a educação do homem no campo. Desenvolvia atividades de ensino condizentes com as necessidades das zonas agrícolas e sertanejas, mas se preocupava, também, com ensinamentos literários e científicos. Foi precursora dos métodos da Escola Moderna, com a tentativa de romper com as Escolas Tradicionais, consideradas desvinculadas da realidade. Sem descuidar de uma eficiente formação intelectual, levava, desde o curso primário, seus alunos ao campo para aulas práticas de jardinagem, horticultura, piscicultura, apicultura, avicultura, fruticultura, entre outros (A ESCOLA... 1984)

É interessante apontar que o protagonismo destas mulheres aconteceu no período pós-escravocrata, mas as consequências nas populações descendentes de negros, quilombolas, nativos estavam muito presentes, o que dificultava o reconhecimento público de algum ato oriundo de negros, mulheres, pobres, etc. Destarte, observa-se nas ruas e logradouros do município uma ínfima homenagem a essas mulheres que contribuíram com o desenvolvimento do turismo religioso no município. Em contraponto, muitos espaços (memorial, praças, ruas, comércio etc) são denominados “Padre Cícero”.

Ampliar a discussão acerca do esquecimento, pela história oficial, de muitas vozes silenciadas pelo “congelamento das palavras, das vozes” é essencial nesse cenário que o país vivencia, de silenciamento, de negação de tantas vozes que buscam registrar sua história. É necessário mais espaço para discussão e ampliação destas temáticas e as universidades constituem-se espaços essenciais para o seu fortalecimento.

Considerando esse espaço de reflexão das universidades, e o protagonismo do LACIM na salvaguarda do acervo de xilogravuras, que representam as mulheres aqui estudadas, que trazemos no quadro abaixo, a análise de como se dão essas representações:



QUADRO 1 - Análise de xilogravuras de representação feminina.

XILOGRAVURA	QUEM	COMO / O QUE	ONDE	QUANDO
<p>Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo</p> 	<p>Beata Maria de Araújo</p>	<p>Devoção; Afazeres domésticos; Fiando; Se confessando; Provoações espirituais; Milagre; Investigação; Perseguição; Leito de morte; Enterro; violação do túmulo.</p>	<p>Retratada em um álbum com 26 pranchas Juazeiro do Norte</p>	<p>Meados século XVIII e início do século XIX</p>
<p>Joana Tertuliana de Jesus</p>	<p>Beata Mocinha</p>	<p>Trabalhando como governanta; Visitando doentes com Pe. Cícero; Estudando; Lendo para crianças; Beata e Floro com o jornal O Rebate; no Orfanato Jesus Maria e José com as crianças.</p>	<p>Retratada em um álbum com 26 pranchas Juazeiro do Norte</p>	<p>Meados século XVIII e início do século XIX</p>



ENANCIB 2022

PORTO ALEGRE | UFRGS | PPGCIN

XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação • ENANCIB

Porto Alegre • 07 a 11 de novembro de 2022



Amália Xavier de Oliveira



Amália Xavier

Amália e Pe. Cícero; Amália na inauguração da escola que fundou; Escrevendo livro; Aula de canto; Escola agrícola; Rezando; Amália e Juvenal Galeno; Amália no Rio de Janeiro; Lendo o jornal O Lavrador; Dirigindo Charrete; Junto com as professoras; Entre alunos; Ensinando; Tricotando no Logradouro; Na direção da Escola; Com as Formandas.

Retratada em um álbum
com 26 pranchas
Juazeiro do Norte

Século XIX

Fonte: Elaborado pelas autoras.



Nas pranchas analisadas foi possível identificar que a construção do olhar masculino sobre essas mulheres as representou a partir de algumas características: ora em posições de liderança, ousadia considerando o tempo histórico que elas viveram, ora em posições de subserviência e conformidade em relação a outros homens representados nas xilogravuras.

FIGURA 1 - Foto das capas das xilogravuras.



Foto: Acervo do LACIM.

As xilogravuras evidenciaram as diferentes posições ocupadas por essas mulheres a depender do contexto e das outras com quem se relacionavam. Apesar de estarem a frente da organização financeira, administrativa, educacional e religiosa, o que salienta seu protagonismo no desenvolvimento de Juazeiro do Norte, pouco reconhecimento é atribuído a elas na história oficial e na memória edificada da cidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo da cultura popular sob uma perspectiva histórica, sobretudo se consideramos os primeiros folcloristas e abordagens de estudos, consolidou-se enquanto um campo masculino e masculinizador. Essa afirmação pode ser observada no âmbito do cordel por exemplo, onde por muitas décadas vigorou o pensamento de que as mulheres não produziam os folhetos/cordel, o que gerou um apagamento das mulheres enquanto produtoras de cultura.



Nesse sentido a xilogravura enquanto uma expressão da cultura fortemente ligada ao cordel, absorveu essa tradição androcêntrica e o que se observa hoje é a existência de uma dupla característica: a identificação de poucas xilogravuras produzida por mulheres e ínfima produção científica correlacionando o binômio mulheres e xilogravura.

Ao pensarmos no acervo de xilogravuras existentes no LACIM que contabilizam 200 álbuns, apenas três retratam essas mulheres que foram responsáveis por contribuir para a história e o desenvolvimento social, econômico, religioso e educacional de Juazeiro do Norte, motivadas por sua fé e devoção ao Pe. Cícero e à Igreja Católica.

Todas as xilogravuras analisadas representam a visão masculina sobre a história de vida dessas mulheres, com exceção do álbum de xilogravura da Beata Maria de Araújo que tem a contribuição da pesquisadora Maria do Carmo Pagan Forti. Assim, essa pesquisa aponta além das análises das xilogravuras analisadas, para a necessidade de investigação dos acervos e dos trabalhos produzidos por mulheres no sentido de visibilizar suas produções e contribuição para a cultura e memória, bem como, desmistificar a imagem de uma mulher produzida pelo olhar masculino, possibilitando novas percepções e representações.

REFERÊNCIAS

A ESCOLA Normal Rural de Juazeiro do Norte. Juazeiro do Norte: Gráficas do Jornal “O Nordeste”, 13 jun. 1984. (Edição Comemorativa do 50º aniversário de sua Fundação: 1934-1984).

ALMEIDA, Vitória Gomes. **Patrimônios e Matrimônios: intersecções entre (de)colonialidades, raça, gênero e memória**. 2021. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/70318065/PATRIM%C3%94NIOS_E_MATRIM%C3%94NIOS_Inte_rsec%C3%A7%C3%B5es_entre_de_colonialidades_ra%C3%A7a_g%C3%AAnero_e_mem%C3%B3ria Acesso em: 07 abr. 2022.

ALMEIDA, Vitória Gomes. **Trânsitos de vozes e memórias: dimensões sociais, patrimoniais e institucionais das tradições culturais do Cariri Cearense**. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/36435054/TR%C3%82NSITOS_DE_VOZES_E_MEM%C3%93RIAS_dimens%C3%B5es_sociais_patrimoniais_e_institucionais_das_tradi%C3%A7%C3%B5es_cult_urais_do_Cariri_Cearense



ANZALDUÁ, Glória. Como domar uma língua selvagem. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Difusão da língua portuguesa, no 39, p. 297-309, 2009. Disponível em: http://www.campogrande.ms.gov.br/semu/wp-content/uploads/sites/26/2019/10/15-anzaldua%C2%A6%C3%BC_como-domar-uma-lingua-selvagem.pdf Acesso em: 05 abr. 2022.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2011.

CAMARGO, Célia Reis. **Centros de documentação e pesquisa histórica: uma trajetória de três décadas**. CPDOC 30 Anos, Rio de Janeiro: Editora FGV/CPDOC, 2003.

CARVALHO, Gilmar. Xilogravura: os percursos da criação popular. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, 39, 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/72075#:~:text=Recurso%20tipogr%C3%A1fico%20dos%20jornais%20brasileiros,de%20obra%2Dde%2Darte>. Acesso em: 05 abr. 2022.

DUARTE, Constância. Arquivos de mulheres e mulheres anarquizadas: histórias de uma história mal contada. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 30, p. 63–70, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9136>. Acesso em: 09 abr. 2022.

ELLIOTT, Ariluci Goes. **A Fé documentada: perspectivas metodológicas de organização da informação fotográfica sobre romarias de Juazeiro do Norte - Ceará**. 181 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

FORTI, M. C. P. Maria do Juazeiro: a Beata do milagre. São Paulo: Annablume, 1999.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do Verso: trajetórias da literatura de cordel**. Rio de Janeiro, 7letras, 2010.

OLIVEIRA, Amália Xavier de. História da escola normal rural de Juazeiro do Norte. Fortaleza: Secretaria de Educação, Cultura e Desporto, 1984. Edição Comemorativa do 50º Aniversário de sua Fundação, 1934-1984.

PINTO JÚNIOR, L. A. O Padre Ibiapina: precursor da opção pelos pobres da Igreja do Brasil. In: *Perspectiva teológica*, Belo Horizonte, ano 24, n. 34, p. 197-222, 2002.

RIBEIRO, Quitéria Lúcia Ferreira de Alencar. Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte: do Museu Vilas Nova Portugal à Sala de Memória Amália Xavier de Oliveira. Dissertação (Faculdade de Educação. Programa de pós-graduação em Educação Brasileira). Fortaleza. Universidade Federal do Ceará. 2015.

SERRES, A. Introduction à l'indexation: lexique de l'indexation documentaire. Disponível em: <http://www.uhbr.fr/urfist/supports/indexation/indexationlexique.html>. Acesso em 15 fev. 2022.



ENANCIB 2022

PORTO ALEGRE | UFRGS | PPGCIN

XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação • ENANCIB

Porto Alegre • 07 a 11 de novembro de 2022

TEIXEIRA, Gisele de Lima Maria de Araújo. A memória da beata de Juazeiro do Norte na literatura de cordel. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2015.